

BOA SINTONIA COM BIDEN

Lula obtém apoio dos EUA ao Fundo Amazônia e prega nova governança global para crise do clima

TALITA FERNANDES
Especial para O GLOBO
talita@oglobo.com.br
www.oglobo.com.br

O governo do presidente Joe Biden anunciou ontem a intenção de trabalhar com o Congresso americano — cuja Câmara é dominada pela oposição republicana — para fornecer recursos para programas de proteção e conservação da Amazônia brasileira, incluindo “apoio inicial ao Fundo Amazônia, e para alavancar investimentos nessa região muito importante”. A declaração foi feita em comunicado conjunto após encontro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva com Biden na Casa Branca. Na reunião, Lula defendeu a necessidade de uma “nova governança global” para combater a crise climática, e os dois presidentes foram enfáticos na defesa da democracia contra as ameaças da extrema direita.

Antes da reunião dos dois líderes, havia expectativa de que os EUA anunciassem a entrada no Fundo Amazônia, a principal iniciativa de arrecadação de recursos para conservação e combate ao desmatamento na floresta. Os EUA se comprometeram a fazer um aporte inicial de US\$ 50 milhões ao Fundo Amazônia, mas a cifra não foi anunciada oficialmente porque o governo brasileiro a considera baixa e há expectativa de que aumente até a visita do embaixador especial da Casa Branca para o clima, John Kerry, ao Brasil, que deve ocorrer no fim do mês.

Ao GLOBQ, fontes do governo, porém, reconhecem a dificuldade de governo americano conseguir aprovar valores num momento em que a Câmara é controlada por republicanos e, qualquer aprovação depende de um acordo bipartidário, o que é visto como algo sensível devido ao momento político da política dos EUA.

CONDENAÇÃO À RÚSSIA

Antes do encontro, também havia expectativa sobre como os dois líderes lidariam com as diferenças nas concepções sobre a guerra na Ucrânia. Biden investiu pesado no auxílio à Ucrânia contra a invasão de Vladimir Putin e tem no discurso de oposição à tirania um item central de sua provável campanha à reeleição no ano que vem. Já Lula mantém uma postura ambivalente, com condenações à invasão, mas também atribuições à Otan (aliança militar do Ocidente, liderada pelos EUA) de responsabilidade pelo conflito.

No comunicado no fim do encontro de ontem, porém, ambos os presidentes lamentaram a violação da integridade territorial da Ucrânia pela Rússia e a anexação de partes de seu território como violações flagrantes do direito internacional e “conclamaram uma paz justa e duradoura”.

Os líderes também expressaram preocupação com os



Afinados. O presidente Lula caminha na Casa Branca ao lado de Biden: os dois líderes fizeram defesa enérgica da democracia contra as ameaças da extrema direita e da luta contra a crise climática

efeitos globais do conflito na segurança energética e alimentar, sobretudo nas regiões mais pobres do planeta e estenderam apoio ao funcionamento pleno da Iniciativa de Grãos do Mar Negro, mediada no ano passado por Turquia e ONU para exportar a produção agrícola ucraniana.

Lula declarou que os EUA e o resto do mundo podem contar com o Brasil “na luta pela democracia e pela preservação da Amazônia”, marcando o fim do que descreveu como “automarginalização” do Brasil nos últimos quatro anos, em referência à gestão de Jair Bolsonaro, para “repositonar o Brasil na nova geopolítica mundial”.

— Isso não é um programa de governo, mas é um compromisso de fé de alguém que acredita no humanismo, na fraternidade, na solidariedade — afirmou ao lado de Biden.

Durante uma coletiva após o encontro de 50 minutos com o líder americano, Lula foi questionado sobre se haveria oficialização do anúncio sobre o Fundo Amazônia, respondendo que não discutira especificamente o tema com Biden:

— Discuti a necessidade de os países ricos assumirem a responsabilidade de financiar todos os países que têm florestas. Além do Brasil, nós temos o Equador, Colômbia, Peru e Venezuela, temos as Guianas, ou seja, temos vários países que tem de cuidar — disse. Eu não tratei especificamente do Fundo Amazônia, tratei da necessidade de preservar.

Criado em 2008, o Fundo Amazônia recebeu, em 10 anos de

Q “A questão climática, se não tiver uma governança global forte e que tome decisões que todos os países sejam obrigados a cumprir, não vai dar certo (...). Alguma coisa temos de fazer para obrigar os países, nosso Congresso, nossos empresários a acatar decisões que tomamos em nível global”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil

“Somos as duas maiores democracias do hemisfério, e o Brasil e os EUA se unem para rejeitar a violência política e os ataques às nossas instituições. Acredito que devemos continuar a defender juntos os valores democráticos que constituem o núcleo da nossa força, não só no nosso hemisfério, mas no mundo”

Joe Biden, presidente dos EUA

operação, R\$ 3,3 bilhões em doações, sobretudo de Alemanha e Noruega, o que cessou em 2019 por causa de problemas na gestão Bolsonaro. De acordo com o BNDES, que gerencia a aprovação e contratação de projetos, existiam R\$3,6 bilhões ainda em caixa até dezembro passado.

Antes do encontro a portas fechadas, o petista reiterou o compromisso de alcançar desmatamento zero na Amazônia até 2030 — declaração acompanhada por um gesto de figas de Biden — e enfatizou a importância de construir uma governança mundial mais forte para enfrentar os desafios atuais, sobretudo no combate às mudanças climáticas.

— A questão climática, se não tiver uma governança global forte e que tome decisões que todos os países sejam obrigados a cumprir, não vai dar certo — afirmou. — Alguma coisa temos de fazer para obrigar os países, nosso Congresso, nossos empresários a acatar decisões que tomamos em nível global. Se não acontecer, nossa discussão na questão climática ficará prejudicada.

VALORES DEMOCRÁTICOS

Biden deu início aos pronunciamentos, e sua fala durou pouco mais de dois minutos, enquanto Lula fez uma declaração de cerca de nove minutos. O americano trazia em seu colo um papel com pontos principais do que falaria. Assim como Lula, reforçou o compromisso com a democracia e a agenda climática.

— Somos as duas maiores

democracias do hemisfério, e o Brasil e os EUA se unem para rejeitar violência política e os ataques às nossas instituições — afirmou o americano. — Acredito que devemos continuar a defender juntos os valores democráticos que constituem o núcleo da nossa força, não só no nosso hemisfério, mas no mundo. E valores como os direitos humanos e o Estado de Direito são os valores que nós prezamos.

21 ANOS APÓS 1ª VISITA

Biden frisou também que EUA e Brasil são parceiros naturais para enfrentar os desafios globais atuais, especialmente os relativos às mudanças climáticas, afirmando esperar “com otimismo poder trabalhar com o senhor”.

O encontro de Lula com Biden ocorre mais de 21 anos depois de ter visitado a Casa Branca pela primeira vez. Em suas declarações, também pontuou que as relações com os EUA não são importantes só do ponto de vista histórico, político, econômico, comercial e cultural, mas agora também pela necessidade de trabalho conjunto pela democracia.

— Nós agora temos alguns problemas para trabalhar juntos: nunca mais permitir que haja um novo capítulo do Capitólio [a invasão do Congresso americano por trumpistas], e que nunca mais haja o que aconteceu no Brasil, uma invasão no Congresso Nacional, do Palácio do presidente e da Suprema Corte.

Nesse contexto, Lula criticou o antecessor, Jair Bol-

sonaro, descrevendo sua postura como de isolamento em relação ao mundo:

— O Brasil ficou quatro anos se automarginalizando, [com] um ex-presidente que não gostava de manter relações com nenhum país — disse Lula. — O mundo dele começava e terminava em fake news, de manhã, à tarde e à noite. Ele parecia desprezar relações internacionais.

Em frente à lareira do Salão Oval, Biden ri e concordou: — Isso soa familiar — disse, em referência ao antecessor, Donald Trump.

Lula também criticou Bolsonaro, acusando-o de mandar desmatar a floresta e permitir a entrada de garimpo em áreas indígenas demarcadas, descrevendo a postura como “irracionalidade política, irracionalidade humana”.

CONVERSA DE 50 MINUTOS

Durante o encontro, o americano demonstrou, por meio de gestos corporais, bom humor e aprovação à fala do brasileiro. Depois das declarações iniciais, os dois líderes mantiveram uma conversa reservada de 50 minutos no Salão Oval e tiveram um encontro estendido com a comitiva ministerial dos dois países, que durou mais 60 minutos.

No Salão Oval, se somaram aos presidentes o chanceler brasileiro, Mauro Vieira, e o assessor especial da presidência, Celso Amorim. Do lado americano, participam Antony Blinken (secretário de Estado) e Jake Sullivan (conselheiro de Segurança Nacional).

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 18